

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

CERÂMICAS MUÇULMANAS DO CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS

Isabel Cristina Ferreira Fernandes¹, João Luís Cardoso² & Maria da Conceição André³

1 - INTRODUÇÃO

As escavações arqueológicas dirigidas por um de nós (J. L. C.), com o apoio da terceira signatária, no local onde, desde 1903, se sabia da existência de um importante mosaico romano, no Centro Histórico de Oeiras, conduziram, aquando da escavação da área adjacente à implantação daquela importante peça musiva, entretanto estudada em pormenor (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996), à recolha de abundantes fragmentos de cerâmicas medievais e pós-medievais, dos séculos XVI e XVII, testemunho da ocupação daquela zona em diversas épocas anteriores à fundação do concelho de Oeiras, em 1759. Uma análise preliminar desse conjunto, efectuada pelo Dr. Carlos Tavares da Silva, no âmbito de uma já longa e frutuosa colaboração científica daquele arqueólogo com o referido signatário deste trabalho, conduziu à identificação de um conjunto considerado sob reserva como islâmico, cuja atribuição àquela época foi depois confirmada pela Doutora Helena Catarino, através de uma análise sumária dos referidos materiais. Impunha-se, pois, o respectivo estudo científico, para o qual foi convidada, pelo responsável da intervenção arqueológica, a primeira signatária, que tem desenvolvido investigações sobre o mesmo período na Baixa Estremadura. Na verdade, o conjunto agora dado a conhecer, ainda que numericamente pouco expressivo, possui inquestionável importância dado que é a primeira vez que se comprova a presença muçulmana no território oeirense, colmatando-se deste modo uma lacuna no conhecimento da ocupação humana deste espaço geográfico na referida época, à semelhança dos resultados obtidos nos últimos anos para a região de Cascais e de Sintra.

2 - CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

As escavações arqueológicas efectuadas na área adjacente ao referido mosaico romano abrangeram a quase totalidade do piso térreo do prédio setecentista da rua das Alcássimas adquirido pela Câmara Municipal de Oeiras, antecedendo a respectiva reabilitação, ainda não realizada. Deste modo, após a remoção do mosaico para recuperação e consolidação (antecedendo a sua recolocação no local, aquando do termo das obras previstas), reuniam-se as condições para a escavação sistemática da área circundante (Fig. 1), a qual envolveu a realização de diversas campanhas de escavações, desenvolvendo-se por vários anos (CARDOSO, 2007, 2008). Pretendia-se, com esses

¹ Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela.

² Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

³ Técnico Superior do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

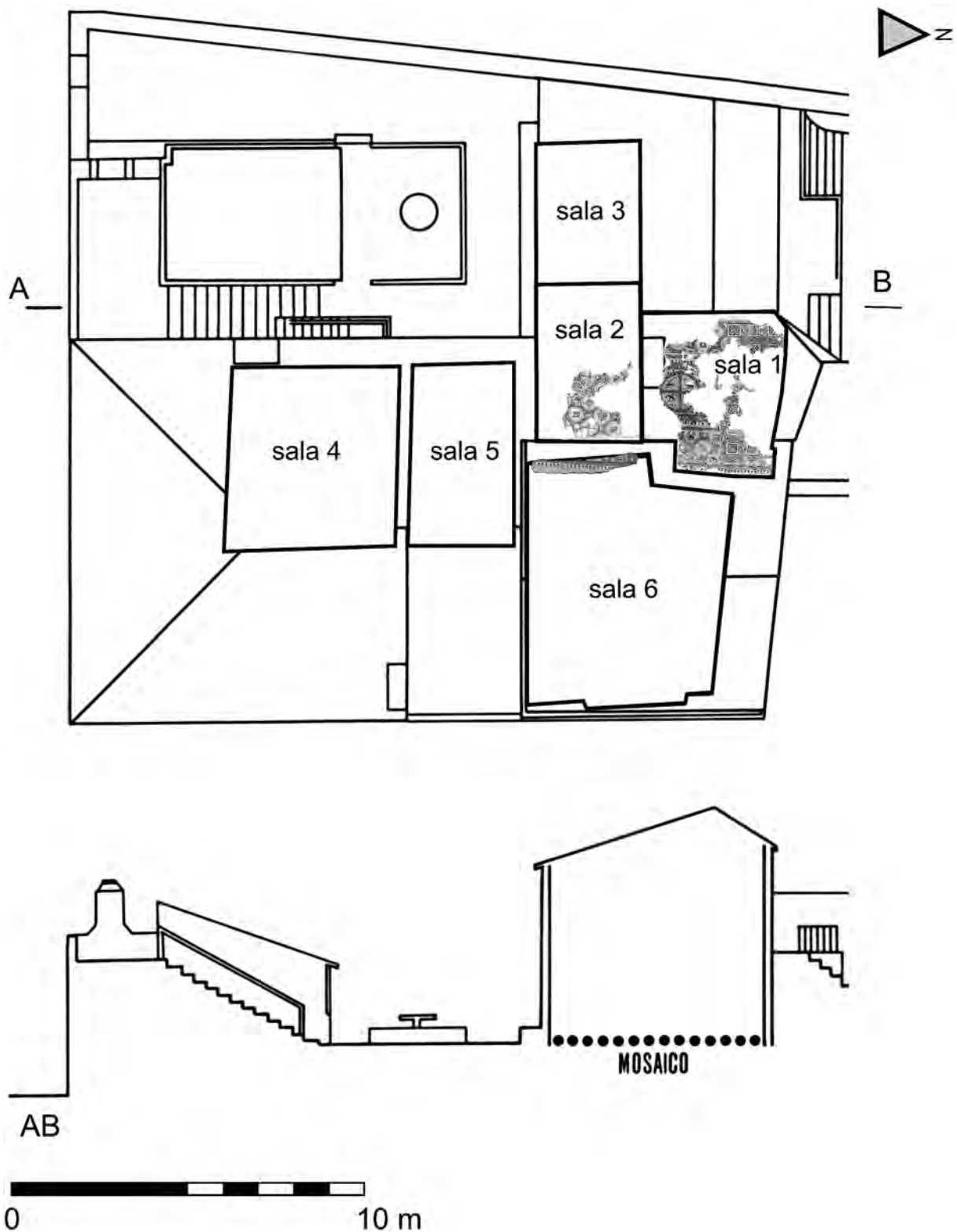


Fig. 1 - Planta e alçado da casa setecentista da rua das Alcássimas (Centro Histórico de Oeiras), com a implantação do mosaico romano (a grise) e a indicação das salas integralmente escavadas ao nível do piso térreo.

trabalhos, identificar não só ocupações anteriores à da instalação da importante *villa* romana – objectivo que foi alcançado, pelas estruturas e materiais da Idade do Ferro identificados, a que se vieram a juntar materiais do Bronze Final – mas também testemunhos posteriores, susceptíveis de clarificar as origens da actual povoação – o que também foi conseguido, como atrás se referiu.

As cerâmicas muçulmanas recolhidas, em número de 22 fragmentos, foram integralmente desenhadas, encontrando-se descritas e numeradas de acordo com a sequência do inventário adiante apresentado. A sua distribuição no terreno, de acordo com a Fig. 1, é a seguinte:

Sala 2 – exemplares números 5 e 17;

Sala 3 – exemplares números 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19 e 21;

Sala 4 – exemplares números 3, 4, 20 e 22.

Na Sala 1 recolheu-se ainda um exemplar de tradição muçulmana, com filiações na época dita da *reconquista*, que será também considerado (exemplar número 23).

Deste modo, verifica-se uma nítida concentração de achados na Sala 3, o que tem a ver com a origem dos depósitos efectuados naquele local, por certo de uma área adjacente onde tais restos abundavam. Com efeito,



Fig. 2 – Vista da escavação efectuada na Sala 2, antes da demolição do tabique separador da Sala 3, ao fundo. Observe-se o nível do pavimento térreo original, correspondente a uma ampliação do início do século XX da casa setecentista, bem como a existência, no nível mais profundo, de um muro da Idade do Ferro, assente no substrato geológico. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 3 – Vista geral da área escavada nas salas 2 e 3, depois da demolição da parede que as separava. Ao centro, o muro da Idade do Ferro já visível na Fig. 2, fundado em roço aberto no substrato geológico; em segundo plano, observa-se outro muro, mais moderno, da Idade do Ferro ou já de época romana, anterior à remodelação arquitectónica da *pars urbana* da *villa* correspondente à implantação do mosaico. Foto J. L. Cardoso.

importa desde já sublinhar que nenhum dos fragmentos estudados se encontra relacionado com estruturas de carácter habitacional coevas, resultando a sua ocorrência da colmatação intencional de espaços com materiais oriundos de outras áreas da antiga povoação, de mistura com materiais mais modernos, sobretudo dos séculos XVI e XVII. Com efeito, a presença, muito mais abundante, de materiais dos séculos referidos não deixa de ser relevante para a demonstração de uma já significativa presença humana na zona actual do Centro Histórico de Oeiras, comprovando, por via arqueológica, a existência, à época, de um aglomerado populacional no local. Aliás, a identificação, na mesma artéria, cuja toponímia remontará à época muçulmana, de um portal de calcário branco com os cantos chanfrados, de época quinhentista, mesmo que possa ter sido ali reaproveitado, vem sublinhar a referida realidade.

Dos fragmentos recolhidos na Sala 2, um provém do crivo, enquanto o outro foi recolhido entre 0,30 e 0,45 m de profundidade, em depósito que preencheu em época medieval o espaço resultante da destruição do mosaico romano, que originalmente cobriria a totalidade daquela sala, a uma cota correspondente ao piso térreo actual, visível na Fig. 2 pela soleira da sacada da janela situada do lado esquerdo da imagem.

A Sala 3, contígua à anterior, encontrava-se dela separada por uma parede de tabique, demolida no decurso da escavação (Fig. 3). A soleira da sacada da janela ali existente, visível do lado esquerdo da imagem, permite identificar o piso térreo primitivo da sala, antes das escavações. Na imagem observam-se dois muros: o mais antigo, em primeiro plano, também visível na Fig. 2, pertence à Idade do Ferro, enquanto o muro situado em segundo plano, constituído por duas fiadas de blocos calcários, é reportável à mesma época, ou já à época romana (anterior à fase arquitectónica correspondente ao mosaico), tendo sido interrompido pela fundação da casa moderna, cor-



Fig. 4 – Pormenor da escavação realizada na Sala 3, observando-se o muro já visível na Fig. 3, da Idade do Ferro ou já da época romana; a maioria das cerâmicas muçulmanas provém dos níveis superiores à cota da referida estrutura, correspondendo a colmatação do espaço, na Época Moderna. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 5 – Vista parcial da escavação efectuada na Sala 4, observando-se ao fundo a fundação de uma das paredes mestras da casa setecentista, fundada no substrato geológico, em primeiro plano, o qual evidenciou um roço rectilíneo, correspondente à fundação de uma parede da Idade do Ferro, visível do lado direito. Foto J. L. Cardoso.

respondendo a uma ampliação da edificação setecentista efectuada depois de 1903, a qual esteve aliás na origem da descoberta do mosaico (Fig. 4).

As profundidades de recolha (em cm) registadas nos sete exemplares que não provêm do crivo são as seguintes: 30-45 (2 ex.); 60-75 (4 ex.) 75-90 (1 ex). Deste modo, os materiais reportam-se a camadas depositadas a partir do topo desta estrutura, exceptuando o fragmento recolhido a maior profundidade, situação que se pode explicar naturalmente por intrusão mais moderna.

A Sala 4 situa-se no outro extremo da área escavada. A sua área interior foi integralmente explorada até se atingir o substrato geológico, constituído por afloramentos carbonatados do Cretácico Superior (Cenomaniano). Na Fig. 5 mostra-se aspecto parcial da referida área, no final dos trabalhos, observando-se ao fundo uma fundação, assente no substrato geológico, sobre a qual se edificou uma das paredes mestras interiores da casa setecentista. A diferença de cotas desta fundação, face a uma das paredes divisórias da mesma casa, pode observar-se no canto direito da foto, onde também se observa parte de um roço rectilíneo escavado no substrato geológico, correspondente a uma fundação da Idade do Ferro ou já da época romana.

O corte estratigráfico realizado do lado meridional desta sala (Fig. 6), permite situar a posição do único fragmento com estratigrafia (n.º 3), de entre os quatro recolhidos aqui recolhidos de época muçulmana. Encontrado

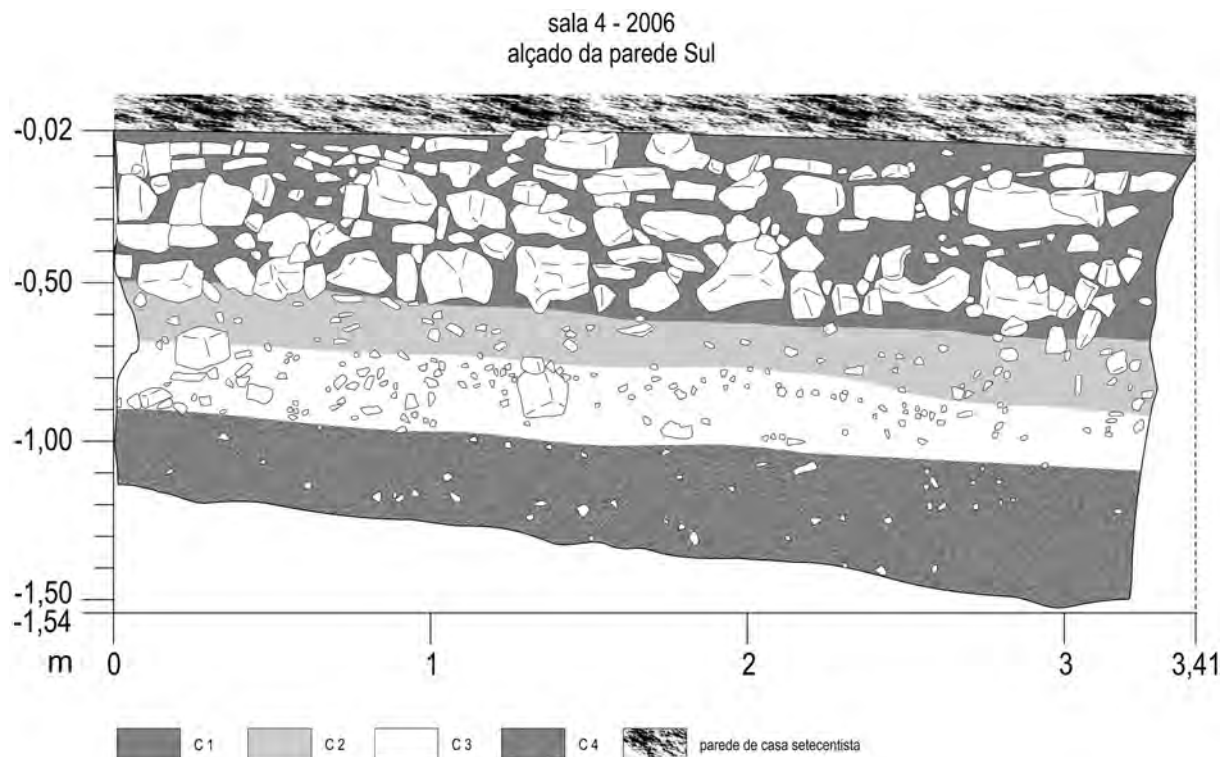


Fig. 6 – Corte estratigráfico realizado ao longo da parede meridional da Sala 4. O único fragmento de época muçulmana com indicação estratigráfica foi recolhido na Camada 4, onde se abriu a fundação da parede da casa setecentista, de mistura com outros materiais modernos. Desenho de B. L. Ferreira.

entre 15 e 30 cm de profundidade, de mistura com materiais mais modernos, corresponde ao enchimento coevo da fundação da parede interior meridional desta sala térrea da casa setecentista.

Por último, o fragmento cerâmico de tradição muçulmana, mas já de época medieval cristã, a que já se aludiu (n.º 23), foi recolhido a cerca de 30-45 cm de profundidade, sobre o muro ali posto a descoberto, sob o nível correspondente ao mosaico romano (Fig. 7), paralelo a uma das paredes da sala moderna, podendo ser de época romana (neste caso, de fase anterior à da implantação do mosaico), ou ainda da Idade do Ferro. O facto de esta peça ter sido recolhida sobre o referido muro, apesar de o mesmo ser anterior à implantação do mosaico, vem comprovar que aquele já se encontraria destruído aquando da deposição de materiais contendo o referido fragmento, que se terá verificado nos séculos XVI ou XVII, tendo presente a cronologia dos materiais mais modernos que integravam os referidos depósitos.

3 – OS MATERIAIS

Trata-se de peças de fabrico comum, de cozinha e de mesa, algumas com apontamentos decorativos característicos deste universo cultural. O conjunto estudado é constituído por pequenos fragmentos, para os quais é difícil uma inserção cronológica precisa, tanto mais que a análise do contexto arqueológico de proveniência em pouco pode contribuir para uma maior elucidação, tratando-se de achados misturados sobretudo com mate-



Fig. 7 – Vista parcial da área escavada na Sala 1, onde se identificou um troço de parede rectilínea, assente no substrato geológico, da Idade do Ferro ou de época romana anterior à instalação do mosaico, que originalmente a cobria. Sobre este muro recolheu-se o fragmento de tradição muçulmana, de mistura com fragmentos mais recentes, indício dos despejos efectuados naquele sector na Época Medieval, já depois de destruído localmente o tapete em mosaico que o cobria. Foto J. L. Cardoso.

riais modernos. Servimo-nos pois, fundamentalmente, de cinco peças para definir, com aproximação, a cronologia deste grupo: o exemplar n.º 16, um fragmento de púcaro de pasta branca com decoração a almagre, enquadrável na fase omíada, possivelmente califal; o exemplar n.º 17, um fragmento de *ataifor* com decoração a pente, que encontra paralelos no Alto da Queimada e no castelo de Palmela (FERNANDES, 2004: 180), para o século X; o *ataifor* n.º 1, uma forma que ocorre com variantes durante todo o período Omíada e se prolonga pelo menos até às primeiras Taifas, embora o nosso exemplar apresente um perfil mais adequado ao período califal; a panela n.º 7, de perfil igualmente integrável na fase Omíada; o *ataifor* vidrado (n.º 15), com características formais e técnica de revestimento ajustadas aos séculos X e XI; outras peças, como os fragmentos decorados a branco sobre engobe cinzento inserem-se numa diacronia mais longa, podendo abarcar os séculos IX a XII. Estes considerandos, associados ao facto de os restantes exemplares, mais incharacterísticos, não permitirem elações distintas, levam-nos a propor para o conjunto de cerâmicas em apreço uma datação entre o século X e o século XI.

Optámos por organizar o catálogo segundo a forma dos exemplares escolhidos, para o caso das cerâmicas comuns lisas, e por tipo decorativo para as restantes.

As tigelas ou *ataifores* n.ºs 1 a 3, de perfis distintos, muito incompletos para as n.ºs 2 e 3, são as comuns formas abertas muçulmanas de mesa, por vezes utilizadas também para requeantar os alimentos. Como referimos, o *ataifor* n.º 1, de bordo invertido para o interior, começa a definir-se na fase inicial da presença muçulmana, evocando formas de época romana. Durante os séculos X e XI acentua-se o ângulo de inflexão entre o bordo e a parede, patente no exemplar n.º 1 (FERNANDES, 2004: 150; FERNANDES e CARVALHO, 1997: 332-333).

As caçarolas (n.ºs 4 a 6), usadas para frigar ou guisar alimentos, apresentam normalmente grandes diâmetros, pastas rugosas, acabamentos pouco cuidados.

A panela n.º 7 é de uma forma que ocorre desde o Emirato e predomina nesse período, sobrevivendo até ao séc. X. O exemplar em estudo mostra-se completamente enegrecido pelo fogo.

O n.º 8 é um pote ou púcaro que indicia um colo de ligeira inclinação, com o lábio marcado por linha incisa e revestido a engobe cinzento escuro em ambas as superfícies.

Ainda no quadro das vasilhas para líquidos, os fragmentos n.ºs 9 a 11 correspondem a bilhas ou jarras. Os dois últimos são fragmentos de bordos de bilhas / jarras trilobadas, relativamente comuns em época islâmica.

O bordo de alguidar (n.º 12) apresenta um perfil que pode indiciar uma fase mais tardia, embora estes recipientes abertos sejam de caracterização pouco definida, verificando-se alguma inconstância no tipo de lábio.

Os números 13 a 18 são cerâmicas decoradas com pintura a branco, utilizando bandas largas irregulares (n.º 15 e 17), bandas verticais paralelas (n.º 13 e 14), horizontais (n.º 18) ou sequência de ondulados (n.º 16). A pintura era executada sobre engobe cinzento ou acastanhado e mais raramente sobre a pasta sem preparação. É o recurso decorativo mais vulgar nas cerâmicas islâmicas, presente em praticamente todos os sítios escavados deste período e que ofereceram espólio cerâmico (FERNANDES, 2003: 642, 643).

O fragmento de *ataifor* vidrado (n.º 19) mostra um perfil característico desta forma para os séculos X-XI, com pasta rosada e revestimento vidrado melado, de tom esverdeado com pequenos pontos ocasionais de manganês, o que poderá indicar a presença de decoração a castanho no interior da peça. A face externa é coberta de um vidrado amarelo claro, fino, deixando perceptível a textura da pasta.

A pintura a almagre sobre pasta branca, depurada, está presente no exemplar n.º 20, um fragmento de bojo de púcaro (?). Esta opção decorativa é frequente no período Omíada, começando a escassear a partir das primeiras Taifas, sobretudo sobre este tipo de pasta clara e muito depurada.

A utilização do canelado, como no exemplar n.º 21, é muito corrente, particularmente em painéis, e por vezes aparece associado a pintura a branco.

O *ataifor* com decoração a pente (n.º 22) encontra, com se disse, paralelos em Palmela para o período califal. Este exemplar entrecruza as bandas penteadas, tal como uma das peças de Palmela (FERNANDES, 2004, n.º 38, p. 180), lembrando protótipos abássidas. É uma decoração quase sempre aplicada em taças de grande formato, com pastas pouco depuradas, verificando-se apenas algum alisamento das superfícies.

Fora da unidade deste conjunto de peças muçulmanas, o n.º 23, uma base de canequinha ou pucarinho, de pasta oxidante, bem cozida, bege, com pintura a branco sobre engobe alaranjado, é uma produção seguramente mudéjar. São frequentes as continuidades técnicas decorativas, sobretudo entre uma população de artesãos muçulmanos que permaneceu em território tomado pelos cristãos do Norte. A forma desta porção de fundo aponta para os típicos púcaros ou canecas da *reconquista* (FERNANDES, 2004: 170), quase sempre dotados de uma asa, reconhecidos para os séculos XIII-XIV em vários sítios arqueológicos da região da Grande Lisboa, embora sejam mais frequentes sem decoração.

4 - CONCLUSÕES

O grupo de cerâmicas que agora se apresenta, apesar de pouco numeroso e constituído por pequenos fragmentos, representa um passo em frente no reconhecimento da ocupação muçulmana na orla marítima de Lisboa – Sintra e uma novidade para o território de Oeiras. As escavações levadas a cabo em Cascais (RODRIGUES & CABRAL, 1990 e outros estudos, não publicados) e em Sintra (COELHO, 2000, 2002) não deixam margem para dúvidas em relação à intensa ocupação islâmica de uma faixa territorial que oferecia condições vantajosas ao nível dos recursos marinhos, agrícolas, minerais e das facilidades comerciais. As fontes escritas muçulmanas são igualmente unânimes a este respeito. Ahmad al-Râzi, na sua descrição do Distrito de Lisboa, empenha-se em realçar a qualidade dos frutos, das pescas, da caça e do mel da região, acrescentando que «sobre o litoral de Lisboa, o mar atira um âmbar excelente, não inferior ao âmbar indiano» (1953: 90, 91). Esta realidade seria com certeza também aplicável ao território hoje correspondente a Oeiras, situado na rota de Lisboa a Sintra, percurso que se fazia em dois dias.

5 - CATÁLOGO

1. Tigela (*ataifor*).
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta acastanha (5YR.6/4) com elementos não plásticos de grão fino a grosso. Sinais de fogo em toda a superfície externa.
Diâm.: 200 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 60-75.
2. Tigela (*ataifor*).
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta acastanhada acinzentada (5YR.6/2) com elementos não plásticos de grão fino. Superfície externa revestida a engobe cinzento escuro (5R.5/1).
Diâm.: 140 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 60-75.
3. Tigela (*ataifor*).
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta rugosa, cinzenta acastanhada (7.5R.5/2) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície interna enegrecida.
Diâm.: 160 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 15-30.
4. Caçarola.
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta castanha avermelhada (2.5YR.5/4), com elementos não plásticos de grão fino a grosso. Superfícies engobadas a cinzento.
Diâm.: 320 mm.
Prov.: M. R. / Sala 4 / crivo.

5. Caçarola.
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta castanha avermelhada com elementos não plásticos de grão fino (2.5YR.6/4). Sinais de fogo no lábio e parte da parede. Abaixo do lábio definem-se quatro linhas incisivas paralelas.
Diâm.: 200 mm.
Prov.: M. R. / Sala 2 / 30-45.
6. Caçarola.
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta castanha acinzentada (2.5YR.6/2) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa alisada, castanha avermelhada (2.5YR.5/4), com sinais de fogo.
Diâm.: 240 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.
7. Panela.
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta cinzenta escura (2.5YR.5/0) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfícies completamente negras (2.5YR.4/0).
Diâm.: 130 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 60-75.
8. Pote ou púcaro.
Fragmento de bordo e de parede.
Pasta cinzenta no núcleo (10R.6/1) e alaranjada na periferia (10R.6/4), com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfícies engobadas a cinzento.
Diâm.: 160 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 30-45.
9. Bilha ou jarra.
Fragmento de bordo e colo.
Pasta cinzenta (2.5YR.6/2) com elementos não plásticos de grão fino. Superfície externa alaranjada (2.5YR.6/4). Vestígios de enegrecimento pelo fogo em ambas as faces.
Diâm.: 50 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.
10. Bilha ou jarra trilobada.
Fragmento de bordo e colo.
Pasta castanha acinzentada (5YR.7/2) com elementos não plásticos de grão fino e médio. Superfície externa castanha (5YR.6/3). Vestígios parciais de enegrecimento pelo fogo.
Comp. Máx.: 44 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.
11. Bilha ou jarra trilobada.
Fragmento de bordo e colo.

Pasta e superfícies alaranjadas (7.5YR.6/4) com elementos não plásticos de grão fino e médio. Vestígios de engobe negro no interior.

Comp. Máx.: 50 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.

12. Alguidar.

Fragmento de bordo e parede.

Pasta avermelhada (2.5YR.5/6) com elementos não plásticos de grão fino a grosso. Superfície externa revestida a engobe cinzento (2.5YR.5/2).

Diâm.: 240 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.

13. Forma indeterminada. Fragmento de parede com pintura a branco.

Pasta cinzenta rosada (10R.6/3) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa revestida a engobe cinzento escuro (10R.6/5). Decoração em quatro bandas pintadas a branco.

Comp. Máx.: 34 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.

14. Forma indeterminada. Fragmento de base.

Pasta cinzenta (2.5YR.6/0) com elementos não plásticos de grão fino. Superfície externa revestida a engobe castanho acinzentado (2.5YR.6/2) e superfície interna alaranjada (2.5YR.6/4). Decoração em três bandas pintadas a branco a partir da base.

Diâm.: 120 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / 60-75.

15. Forma indeterminada. Fragmento de parede com pintura a branco.

Pasta e superfície interna de cor laranja rosada (7.5YR.6/4), com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa castanha (7.5YR.5/6), decorada com traço largo, irregular, pintado a branco.

Comp. Máx.: 55 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.

16. Forma indeterminada. Fragmento de parede com pintura a branco.

Pasta com veio central cinzento (7.5YR.6/0) e periferia alaranjada (7.5YR.6/4), a mesma cor da superfície interna. Elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa acastanhada (7.5YR.6/2), decorada com três bandas onduladas, pintadas a branco.

Comp. Máx.: 40 mm.

Prov.: M. R. / Sala 3 / 75-90.

17. Forma indeterminada. Fragmento de parede com pintura a branco.

Pasta e superfície interna de cor cinzenta (5YR.6/1) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa cinzenta escura (5YR.5/1), decorada com traço irregular, pintado a branco.

Comp. Máx.: 40 mm.

Prov.: M. R. / Sala 2 / crivo.

18. Forma indeterminada. Fragmento de parede com pintura a branco.
Pasta avermelhada (2.5YR.6/4) com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfície externa acastanhada (5YR.6/3), decorada com três bandas pintadas a branco, paralelas, sobre canelado.
Comp. Máx.: 45 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 30-45.
19. Tigela (*ataifor*) revestida a vidro.
Fragmento de bordo e de parede. Pasta rosada (2.5YR.6/4) com elementos não plásticos de grão fino. Superfície interna revestida a vidro melado esverdeado, espesso. Superfície externa revestida com película fina de vidro amarelado.
Diâm.: 160 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / 60-75.
20. Púcaro pintado a almagre.
Fragmento de bojo. Pasta branca, depurada, com elementos não plásticos de grão fino. Superfície externa alisada com duas bandas e parte de círculo pintadas a almagre (2.5YR.5/8).
Comp. Máx.: 53 mm.
Prov.: M. R. / Sala 4 / crivo.
21. Forma indeterminada. Fragmento de parede canelada.
Pasta cinzenta (2.5YR.6/0) e alaranjada (2.5YR.6/6), com elementos não plásticos de grão fino a grosso. Superfície externa negra (5YR.4/1), canelada.
Comp. Máx.: 34 mm.
Prov.: M. R. / Sala 3 / crivo.
22. Tigela (*ataifor*) com decoração a pente.
Pasta castanha rosada (5YR.6/4), com elementos não plásticos de grão fino a médio. Superfícies alisadas, a interna de cor cinzenta (5YR.4/1) e a externa da cor da pasta, decorada com bandas riscadas a pente, entrecruzadas.
Diâm.: 280 mm.
Prov.: M. R. / Sala 4 / crivo.
23. Copo ou pucarinho com pintura a branco.
Base e porção de parede.
Pasta bege (5YR.7/2), com elementos não plásticos de grão fino. Superfície externa revestida a engobe avermelhado (10R.5/6) com decoração pintada a branco em composições geométricas intercaladas por traços de expressão vegetalista. O fundo é liso, com sinais de fogo.
Diâm.: 70 mm.
Prov.: M. R. / Sala 1 / muro / 30-45.

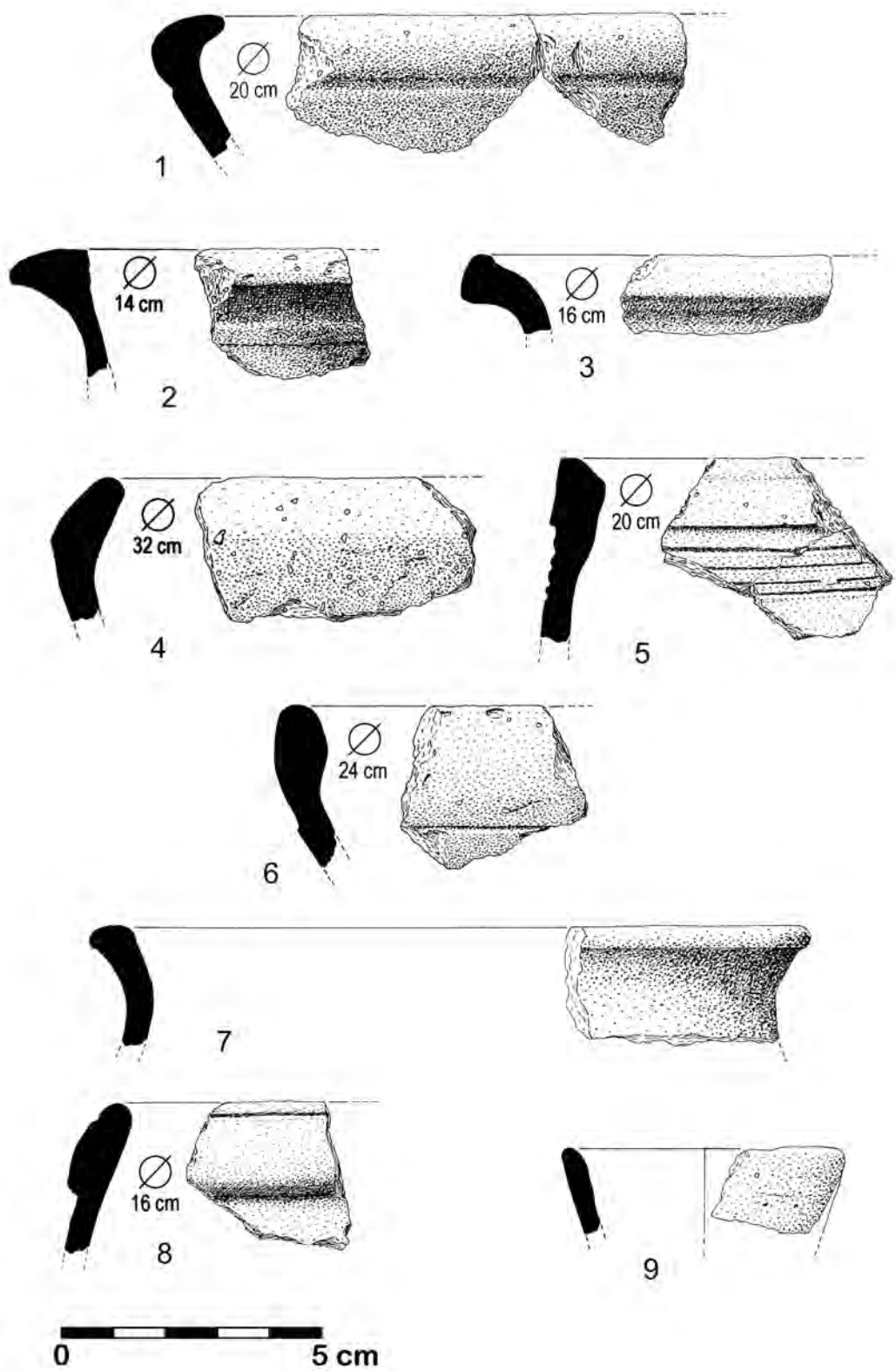


Fig. 8 - Catálogo dos exemplares descritos. Desenhos de B. L. Ferreira.

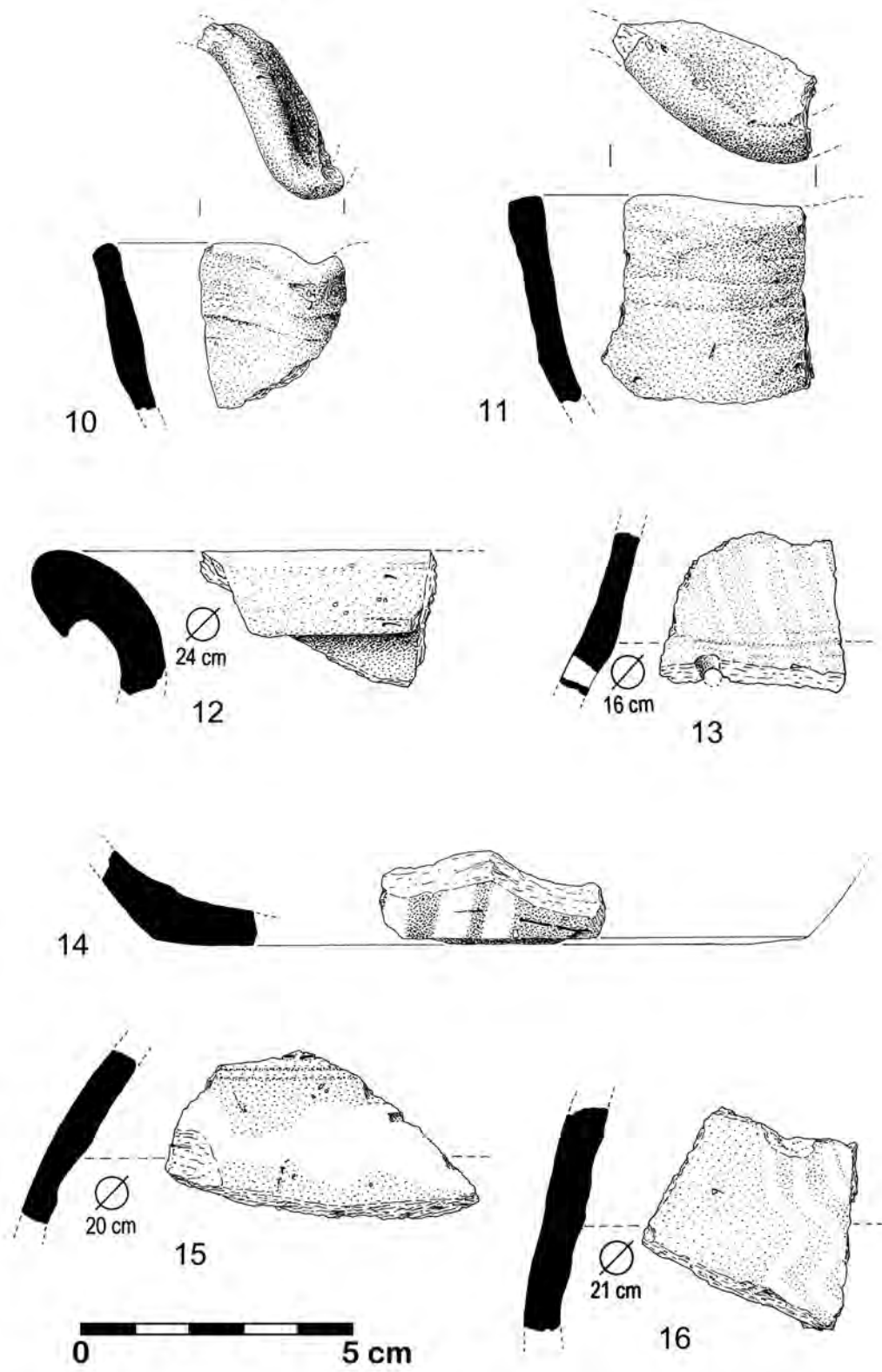


Fig. 9 - Catálogo dos exemplares descritos. Desenhos de B. L. Ferreira.

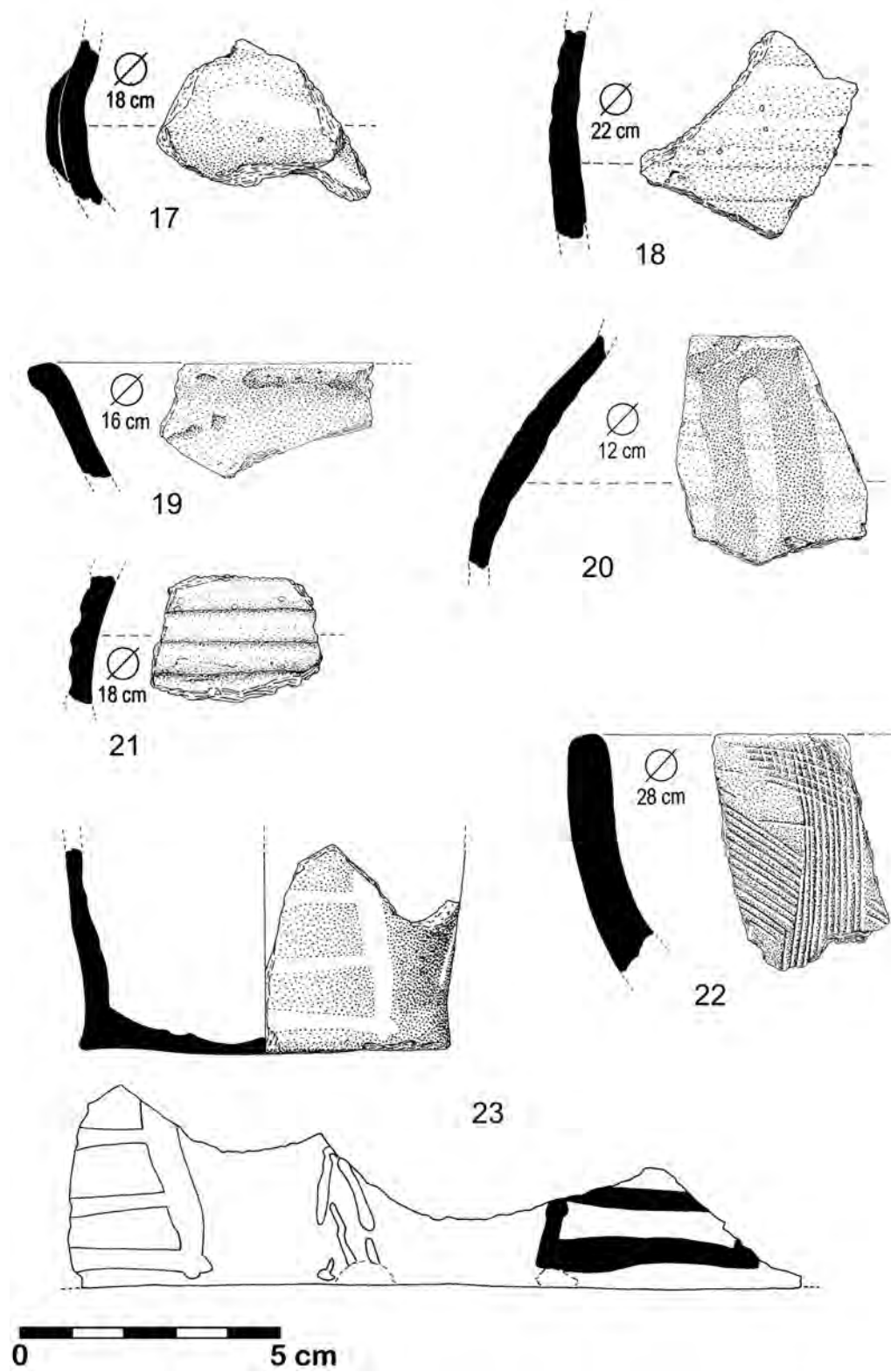


Fig. 10 – Catálogo dos exemplares descritos. Desenhos de B. L. Ferreira.



Fig. 11 – Exemplo n.º 19 do Catálogo.
Foto J. L. Cardoso.



Fig. 12 – Exemplo n.º 20 do Catálogo.
Foto J. L. Cardoso.



Fig. 13 – Exemplar n.º 22 do Catálogo. Foto J. L. Cardoso

Fig. 14 – Exemplar n.º 23 do Catálogo. Foto J. L. Cardoso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, J. L. (2007) – *Relatório das escavações arqueológicas efectuadas em Julho de 2006 na villa romana de Oeiras*. Relatório não publicado, apresentado ao Instituto Português de Arqueologia.
- CARDOSO, J. L. (2008) – *Relatório das escavações arqueológicas efectuadas em Abril de 2007 na villa romana de Oeiras*. Relatório não publicado, apresentado ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- COELHO, Catarina (2000) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3 (1), p. 207-225.
- COELHO, Catarina (2002) – O Castelo dos Mouros (Sintra). In FERNANDES, I. C. F., coord., *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos (Palmela, 2000)*. Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, p. 389-395.
- FERNANDES Isabel Cristina & CARVALHO António Rafael (1997) – Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Palmela. *VI Colloque International sur la Céramique Médiévale in Méditerranée* (Aix-en-Provence, 1995). Actas. Aix-en-Provence, Narrations Editions, p. 327-335.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2003) – Revestimento e decoração na cerâmica islâmica de Palmela (Portugal). *VIIe Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée (Tessalónica, 1999)*. Actes. Ministère de la Culture/Caisse des Recettes Archéologiques, Atenas, p. 639-652.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, 2004 – *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, Lisboa.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 367-406.
- RODRIGUES, Severino & CABRAL, João (1990) – Silos medievais de Caparide. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 9, p. 63-73.
- «La Description de L'Espagne de Ahmad Al-Razi», in *Al-Andalus*, Vol. XVIII, CSIC, Madrid-Granada, 1953.
- Definição de cores no catálogo: Munsell Soil Color Chart.